

Carlos
Marques da
Silva

Dinossáurio ou Dinossauro, Eis a Questão!

Paleontólogo.

Assistente do
Departamento de
Geologia da Universidade
de Lisboa.

Investigador do Centro
de Geologia da
Universidade de Lisboa.

Colaborador do
Museu Nacional de
História Natural da
Universidade de Lisboa.

Sócio do Centro de
Arqueologia de Almada.

Paleo.Carlos@fc.ul.pt
<http://correio.cc.fc.ul.pt/~cmsilva/>

Ao contrário do que sucede com as espécies, certas polémicas nunca se extinguem. E mesmo quando, finalmente, as supomos desaparecidas, eis que regressam, não se sabe muito bem de onde, em toda a sua pujança, quais táxones Lázaro depois de um período de extinção em massa. A discussão dinossáurio *versus* dinossauro, a nível nacional, é disso excelente exemplo.

Abordarei o tema começando pelo fim, declarando que, em minha opinião, do ponto de vista linguístico, esta é uma questão de lana-caprina. Ambas as grafias, como consulta mais atenta dos dicionários e das enciclopédias nacionais facilmente demonstraria, são lícitas, encontrando-se perfeitamente consagradas e consolidadas na literatura científica lusa quase desde a invenção do conceito de dinossáurio. No entanto, contra todas as expectativas, a controvérsia subsiste, afirmando-se, amiúde afincadamente, que é esta e não aquela a grafia correcta, asseverando-se teimosamente que está certa esta e a outra totalmente errada, etc., etc. Contudo, raspando a sua crosta mais superficial, constata-se que a questão transcende a linguística, enraizando-se, afinal, num problema basilar de abordagem científica, justificando-se, portanto, que o tema aqui seja tratado.

Passemos rapidamente em revista os aspectos linguísticos básicos da questão. Na composição do vocábulo “dinossáurio” encontramos dois étimos gregos: δεινός, adj., *deinós*, que significa temível e terrível, mas também perigoso, funesto, extraordinário, poderoso, etc., e σαῦρος, s.m., *sauros*, sáurio, lagarto. Dinossáurio significa, pois, “terrível lagarto”. Contudo, ao contrário do que a sua etimologia possa sugerir, a palavra “dinossáurio” não é de origem grega. Os antigos gregos, tal como os romanos, os árabes, e toda a gente até meados do séc. XIX, desconheciam a existência de dinossáurios e, como tal, não tinham uma palavra para os nomear. A própria palavra δεινόσαυρος (*deinósaurus*) não existia na língua grega antes de o termo paleontológico ter sido criado há cerca de 159 anos atrás. A resposta de um membro da etnia Kikuyu, do Quênia, à sacramental pergunta “como se diz dinossáurio na vossa língua?” resume exemplarmente a questão: “Como podemos nós ter uma palavra para algo cuja existência desconhecíamos?!”

O termo “Dinosauria” foi cunhado por Sir Richard Owen (n.1804-f.1892), insigne médico e paleontólogo britânico. Owen apresentou na British Association for the Advancement of Science, em 1841, uma comunicação sobre répteis fósseis da Grã-Bretanha. Foi no texto impresso dessa comunicação, publicado em 1842, que surgiu pela primeira vez o nome Dinosauria, com o qual ele então designou novo grupo zoológico, englobando três géneros de répteis mesozóicos: *Megalosaurus*, *Iguanodon* e *Hylaeosaurus*. Dinosauria é, portanto, um neologismo, concatenado, latinizado e formalizado por Owen em meados do séc. XIX. É do termo Dinosauria, e não de uma pseudopalavra grega ancestral, que deriva o vocábulo português dinossáurio.

Quando surge o termo em português? É difícil responder com exactidão a esta pergunta. Todavia, cabe a João BONANÇA (1891) a primeira referência conhecida a pistas de dinossáurios em Portugal, em particular às pistas do Jurássico superior do Cabo Mondego (vide ANTUNES 1998). Ao longo da sua monumental obra, João Bonança refere-se várias vezes aos dinossáurios e às suas pegadas e, relativamente às ocorrências nacionais, diz que: “Poucas regiões haverá no mundo, as iguaes, pelas suas condições especiaes, apresentam um conjunto de elementos tão rico e tão variado para um estudo amplo e curioso da era mamíferaria, como a que demora na Lusitania entre o Cabo Mondego e o da Roca; [...]; os ammonitas, belemnitas, trigonias, uniões e outros molluscos proprios da era abundam ahi; [...]; ahi se manifestam as pégadas de aves ou de *dinosauros* [...]” [negrito meu] (pág. 380).

De salientar que por altura da publicação da obra de João Bonança já estas pistas tinham sido estudadas e identificadas por Jacinto Pedro Gomes, ainda que os resultados desse estudo só viessem a ser dados à estampa muito posteriormente, já após o passamento do naturalista, em 1915-16.

Não tenho conhecimento de obras científicas, ou de divulgação, anteriores a 1891 em que o termo dinossáurio tenha sido empregue, mas provavelmente existirão. Várias são as obras, porém, em que é feita referência implícita aos dinossáurios.

sauro Dinossáurio δεινόσαυρος deinós sauros

Assim, por exemplo, no número 197 da "Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro" *Occidente*, de 11 de Junho de 1884, numa peça intitulada "O Iguanodon", é relatada a descoberta (em 1878) e a exposição (em 1883) no Museu de História Natural de Bruxelas dos esqueletos de *Iguanodon* encontrados na mina belga de carvão de Bernissart. Refere o cronista que: "Um acaso, um perfeito acaso fez descobrir este animal prehistorico" (pág. 130). E prossegue na sua descrição do *Iguanodon*: "É um animal, unico no seu genero; cabeça de cefalo, pés de ave, e cauda de lagarto, parece escapar a qualquer classificação zoológica" (pág. 131).

De seguida aborda aspectos da sua paleoecologia e, de passagem, esclarece as suas afinidades zoológicas afirmando que: "Parece porém evidente que este primo co-irmão do *ichtyosauro* vivia de ervas, e undava, quando não rastejava. Na realidade, um saurio. [...] Para este novo genero foi necessário inventar um nome – *iguanodon* [...]" [negrito meu] (pág. 131).

Numa outra perspectiva que não aquela em que aqui foi estritamente invocada, esta interessantíssima peça jornalística da revista *Occidente* pode seguramente ser apontada como o início da mediatização dos dinossáurios em Portugal e como primeiro registo nacional do seu impacto na opinião pública, demonstrando que a "dinossáuriomania" tem, afinal, raízes profundas. A peça termina deste modo: "Conservava o *mamuth*, até ha pouco, o lugar culminante entre as curiosidades das primeiras epocas terrestres, agora porém a sua notabilidade é consideravelmente offuscada e excedida pelo *iguanodon*."

Também no "Curso de Historia Natural Elementar" de Joaquim Rodrigues GUEDES (1865) o termo dinossáurio não é utilizado, mas, a propósito da fauna dos terrenos secundários, Rodrigues Guedes diz, numa clara alusão aos "terríveis saúrios", que: "Os animaes que n'elles existem, são principalmente representados por grandes saurios, quasi todos diferentes por sua estructura dos actuaes, tendo alguns dimensões colossaes, geralmente maiores do que as dos maiores animaes vivos da zona torrida" [negrito meu] (pág. 154).

A primeira utilização que conheço do vocábulo dinossáurio em manuais escolares nacionais remonta aos "Elementos de

Geologia" de Gonçalves GUIMARÃES (1895), catedrático de Geologia da Universidade de Coimbra, que, a páginas tantas, refere: "[...] *aparecem em toda a era secundaria [...]* numerosas espécies de reptis marinhos [...], terrestres (Dinosaurios [...]) e voadores [...]" (pág. 224). Mais tarde, já no séc. XX, em publicação póstuma, é finalmente dado a conhecer o relatório da "Descoberta de Rastos de Saurios Gigastescos no Jurássico do Cabo Mondego" de Jacinto Pedro GOMES (1915-16). Nele o naturalista do Serviço Geológico de Portugal relata a descoberta dos rastos em 1884 e a sua identificação, no ano seguinte, pelo Dr. Geinitz, de Dresden. Neste primeiro trabalho científico nacional sobre a paleoicnologia dos dinossáurios, Jacinto Pedro Gomes descreve os produtores das pegadas dizendo que: "Os dinosaurios eram animais da classe dos reptis e alguns deles atingiam 30 metros de comprimento e formavam os maiores monstros da criação, comquanto alguns apenas atingissem um metro" (pág. 10). Outro naturalista a referir-se a dinossáurios foi Carlos Torre de ASSUNÇÃO (1942), director do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Lisboa. Na sua "Introdução Geológica", Torre de Assunção menciona que: "[...] os Dinosaurios eram animais de grande porte [...]"

Bom, não serei exaustivo a ponto de me tornar maçador, mas gostaria de assinalar que outros insignes paleontólogos nacionais, tais como Carlos TEIXEIRA (1967), Miguel Telles ANTUNES (1975, 1976, 1981), Carlos TEIXEIRA e João PAIS (1976), etc. utilizar um a grafia dinossáurio. Telles Antunes viria, mais tarde, a adoptar a grafia dinossauro (e. g., Antunes 1998), enquanto A. M. Galopim de Carvalho, o carismático director do Museu Nacional de História Natural e justo vencedor da "Batalha de Carenque", se mantém fiel à grafia dinossáurio (e. g., Carvalho 1994).

Em duas enciclopédias, a Luso-Brasileira de Cultura da Verbo (já mencionada a propósito de TEIXEIRA 1967: 1422, e de ANTUNES 1975: 1584) e a Portuguesa-Brasileira (Editorial Enciclopédia, Lda.), é dada preferência à grafia dinossáurio. Curiosamente, entre obras de referência, é nos dicionários nacionais que encontramos mais frequentemente a grafia dinossauro, ainda que ao fazê-lo, demonstrem normalmente notável falta de coerência face à grafia dos nomes de outros grupos zoológicos por eles mesmos apresentados. Augusto Moreno, no seu *Dicionário Complementar da*

"Ao contrário do que sucede com as espécies, certas polémicas nunca se extinguem. E mesmo quando, finalmente, as supomos desaparecidas, eis que regressam [...] em toda a sua pujança, quais táxones Lázaro depois de um período de extinção em massa."



“[...] A razão de fundo que me levou a discorrer sobre esta questão é que apesar de amiúde tomada como quezília meramente etimológica, linguística, ela tem subjacente um profundo significado científico.”



Língua Portuguesa, de 1944, ironicamente da editora Educação Nacional, Lda., apresenta o vocábulo “Dinossauo”, que define, erradamente, como “*Espécie fóssil de réptil marinho*” (pág. 451). Curiosamente, Augusto Moreno refere-se a “Plesiosáurio ou Plesiosauo” (pág. 1001). No *Dicionário Prático Ilustrado* da Lello & Irmãos Editores, de 1971, José Lello e Edgar Lello são bem mais coerentes apresentando “Dinossauros” (pág. 370) e “Plesiossauo” (pág. 923). Também o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado (Sociedade de Língua Portuguesa, 1989), apesar de advogar o uso de “Dinossauo”, continua a usar *e. g.* “Ictiosáurio” (e também “Ictiossauo”) e diz mesmo explicitamente que “Plesiossauo” é o mesmo que “Plesiosáurio”, remetendo para o último verbete! Por fim, o recentíssimo *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Verbo (coordenado por João Malaca Casteleiro), publicado em 2001, apresenta, explicitamente, a dupla grafia “Dinossauros” e “Dinossáurios” (pág. 1263).

Por que razão, aparentemente, são incongruentes os diversos dicionários nacionais e por que motivo, mesmo no seio da mesma obra, não há, frequentemente, uma decisão a favor de uma ou de outra grafia, *i. e.* a favor da grafia correcta? Bom, para esta questão existem duas respostas possíveis: primeira, os dicionários nacionais revelam notável falta de coerência, estando boa parte deles grosseiramente errada ou, segunda, ambas as grafias são lícitas e, por isso mesmo, surgem em pé de igualdade nas enciclopédias e nos dicionários nacionais. Eu, obviamente, sou apologista da segunda explicação.

Mas então por que razão existem duas grafias distintas? O termo “dinossauo” chegou ao português do mesmo modo que *dinosaur* (ou *deinosaur*) ao inglês e *dinosaure* ao francês, *i. e.*, como modificação do vocábulo latinizado *Dinosaurus* (como no nome genérico *Tyrannosaurus*), ou então como simples importação e adaptação do termo inglês ou do francês. Por seu turno o vocábulo “dinossáurio” resulta da modificação de *Dinosauria* (nome igualmente latinizado de ordem de répteis), tal como no inglês a palavra *saurian* (adj. e sub.) resulta da modificação de *Sauria* (outra ordem de répteis). Tanto assim é que vários outros termos portugueses similares, respeitantes a nomes de grupos zoológicos, têm grafia semelhante, *e. g.*, Quelónios (de *Chelonia*, do gr. *χελώνη*, *chelónē*, tartaruga), Sirénios (de *Sirenia*, do gr. *σειρήν*, *seirén*, sereia), Ofídios (de *Ophidia*, do gr. *ὄφις*, *óphis*, serpente), Sáurios (de *Sauria*, do gr. *σαῦρος* ou *σαῦρα*, *sauros* ou *saúra*, sáurio, lagarto). Pelo contrário, não me recordo de alguma vez ter visto escrito “quelonos”, “sirenos”, “afidos” ou mesmo “sauros”, nem mesmo nos textos dos mais acérrimos defensores da exclusividade da grafia dinossauo. Registe-se que em inglês existe, também, o substantivo e adjectivo *saurian* (sáurio e “sáuriano”), como em *dinosaurian* (igualmente substantivo e adjectivo). Ou seja, também em inglês existem ambas as grafias, assim como em francês (por via de *saurien*, adj. e sub. m. pl.). Em textos em castelhano também se encontra *dinosaurios* e *dinosauros*.

Ainda assim, poderia argumentar-se que, da utilização do vocábulo “dinossáurio” resultaria que a expressão “os dinossáurios” seria redundante, por via do facto deste derivar do substantivo plural *Dinosauria*.

Contudo, não devemos perder de vista que na língua portuguesa abundam “redundâncias”. Quando, por exemplo, nos referimos ao Alcorão (de *al-qurán*, significando “a leitura”, “a colectânea”, “a recitação”), à cidade de São Petersburgo (de *Sanki-Peterburg*, significando “cidade de S. Pedro”) ou, simplesmente, ao rio Guadiana, estamos a ser redundantes, e no entanto é assim que deve ser. Se os termos ou expressões “ictiosáurio”, “quelónio” ou “rio Guadalquivir” não são redundantes, então “dinossáurio” tão-pouco o é.

Em suma, a razão de fundo que me levou a discorrer sobre esta questão é que apesar de amiúde tomada como quezília meramente etimológica, linguística, ela tem subjacente um profundo significado científico. É metodologicamente errado isolar os fenómenos e os objectos dos contextos em que se inserem e no seio dos quais fazem sentido, sejam eles linguísticos, paleontológicos ou arqueológicos, para depois elaborar hipóteses ou explicações parcelares, simplificadas (ou melhor, simplistas), que os contemplam apenas a eles, varrendo no processo para debaixo do tapete a realidade mais ampla e complexa da qual fazem parte.

Enfim, do mesmo modo que não podemos explicar cabalmente o desaparecimento dos dinossáurios não-avianos isolando-os do contexto mais amplo da extinção em massa verificada no final do Cretácico (que atingiu, igualmente, muitíssimos outros grupos de organismos terrestres e marinhos), também não podemos resolver o problema filológico do seu nome separando-o do do nome dos restantes grupos zoológicos e da história da terminologia científica nacional. Há que ver a floresta por trás das árvores: a questão fundamental aqui não é de natureza linguística, mas sim metodológica.

Julho de 2001
Carlos Marques da Silva

Referências

- ANTUNES, M. T. (1975) – “Tiranossáurios”. In *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Ed. Verbo. Vol 17, p. 1583.
- ANTUNES, M. T. (1976) – “Dinossáurios Eocretácicos de Lagosteiros”. *Ciências da Terra*. Lisboa: UNL. 1: 1-35.
- ANTUNES, M. T. (1981) – “Dinossáurios de Lagosteiros - II”. *O Sesimbrense*. Sesimbra. 736: 4-6.
- ANTUNES, M. T. (1998) – “Dinossauros e Portugal. Dois casos menos conhecidos”. In *Resumos do I Encontro Nacional sobre Paleobiologia dos Dinossáurios* (Museu Nat. de Hist. Nat. da Univ. de Lisboa, 26-29 de Maio). Lisboa, pp. 1-6.
- BONANÇA, J. (1891) [no miolo 1887] – *Historia da Lusitania e da Iberia Desde os Tempos Primitivos ao Estabelecimento Definitivo do Dominio Romano; Parte fundada em documentos até ao presente indecifráveis*. Lisboa: Imprensa Nacional. Volume I.
- CARVALHO, A. M. Galopim de (1994) – *Dinossáurios e a Batalha de Carenque*. Lisboa: Editorial Notícias (Coleção Ciência Aberta, 16).
- GOMES, J. P. (1915-16) – “XI, Manuscritos de Jacinto Pedro Gomes (Pub. póstuma). 1. Descobertas de rastros de saurios gigantescos no Jurássico do Cabo Mondego”. *Comun. Com. Serv. Geol. Portugal*. Lisboa. 11: 132-134, 2 est.
- GUMARÃES, A. J. Gonçalves (1895) – *Elementos de Geologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- GUEDES, J. Rodrigues (1865) – *Curso de Historia Natural Elementar*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- TEXEIRA, C. e Pais, J. (1976) – *Introdução à Paleobotânica. As grandes fases da evolução dos vegetais*. 3ª edição. Lisboa.
- TEXEIRA, C. (1967) – “Dinossáurios”. In *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Ed. Verbo. Vol 6, p. 1422.
- ASSUNÇÃO, C. Torre de (1942) – *Introdução Geológica*. Lisboa: Ed. Cosmos (Biblioteca Cosmos, 1ª sec., n.º 5, Ciências e Técnicas, Ciências da Natureza, 16).